



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



DALLYLA LIMA SANTOS

**TECENDO HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE:
REFERÊNCIAS E PRÁTICAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA**

ORIENTADOR:

Francisco Antônio Machado Araújo

PARNAÍBA - PI
2025



DALLYLA LIMA SANTOS

**TECENDO HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE:
REFERÊNCIAS E PRÁTICAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Delta do Parnaíba UFDPAr,
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Antonio Machado
Araujo.

PARNAÍBA - PI
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

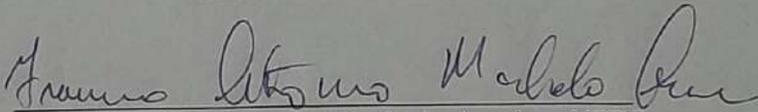
DALLYLA LIMA SANTOS

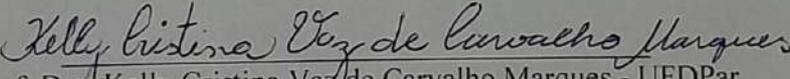
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Delta do Parnaíba UFDPAr,
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

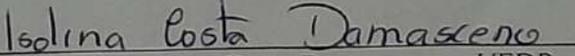
Orientador: Prof. Dr. Francisco Antonio Machado
Araujo.

Aprovada em: 05/07/2025

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Francisco Antonio Machado Araujo – UFDPAr


Prof. Dra. Kelly Cristina Vaz de Carvalho Marques - UFDPAr


Prof. Dra. Isolina Costa Damasceno – UFDPAr

RESUMO

A pesquisa tem como objeto de estudo as manifestações da contação de histórias na formação docente, investigadas a partir da análise de Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de Pedagogia. O objetivo central foi analisar como essa prática está presente na formação do pedagogo, destacando sua importância como estratégia didática, formativa e mediadora da aprendizagem. Como objetivos específicos, a autora buscou mapear as referências à contação de histórias nos PPCs e examinar sua abordagem nos currículos, nas metodologias e nos campos de atuação profissional descritos nesses documentos. A metodologia adotada foi qualitativa e documental, com análise de treze PPCs de instituições públicas brasileiras. A coleta dos dados foi realizada por meio de buscas sistemáticas na internet, e a análise baseou-se na leitura e categorização das menções à contação de histórias nos componentes curriculares, estágios e ações extensionistas. Os resultados apontam que, embora presente em algumas disciplinas — como Literatura Infantil, Arte e Educação Infantil —, a contação de histórias não aparece como um eixo estruturante da formação docente, sendo muitas vezes tratada de forma pontual e indireta. Destacaram-se os PPCs da UFDPAr, UFPI, UFC e UFPA, onde a prática é mais valorizada. Nas reflexões finais, a autora defende a importância de integrar a contação de histórias como prática pedagógica sistematizada, articulada à oralidade, à ludicidade e à interdisciplinaridade, contribuindo para uma formação docente sensível, criativa e humanizadora, alinhada à Teoria Histórico-Cultural e aos pressupostos da BNCC.

Palavras-chave: Contação de histórias; Formação docente; Projetos Pedagógicos de Curso.

ABSTRACT

The research focuses on the manifestations of storytelling in teacher training, investigated through the analysis of Pedagogical Course Projects (PCPs) in Pedagogy. The main objective was to analyze how this practice is present in the training of educators, highlighting its importance as a didactic, formative, and mediating strategy for learning. Specific objectives included mapping references to storytelling in the PCPs and examining its approach in curricula, methodologies, and professional fields described in these documents. The methodology used was qualitative and documentary, with an analysis of thirteen PCPs from Brazilian public institutions. Data collection was carried out through systematic searches on the internet, and the analysis was based on reading and categorizing mentions of storytelling in curricular components, internships, and extension activities. The results indicate that, although present in some subjects — such as Children's Literature, Art, and Early Childhood Education — storytelling does not appear as a structuring element in teacher training, often being treated in a sporadic and indirect way. The PCPs from UFDPAr, UFPI, UFC, and UFPA stood out, where the practice is more valued. In the final reflections, the author advocates for the integration of storytelling as a systematic pedagogical practice, linked to orality, playfulness, and interdisciplinarity, contributing to a sensitive, creative, and humanizing teacher training aligned with the Historical-Cultural Theory and the assumptions of the BNCC.

Keywords: Storytelling; Teacher training; Pedagogical Course Projects.

AGRADECIMENTOS

Os meus mais sinceros agradecimentos vão a todos aqueles que estiveram comigo no meu processo de constituição como Pedagoga, acompanharam de perto todos os momentos de

realizações e de frustrações, durante todo esse processo desafiador, provavelmente o maior que tive em minha vida, a vivência mais marcante e doce de transformação humana.

Gostaria de agradecer, em especial, a minha avó Cândida Pereira uma representação forte de mulher e inspiração de vida, ela não pode ter a oportunidade e em nosso país, considerado privilégio de ter “os estudos” (como ela própria diz) mas a educação que ela teve em suas vivências de vida me ensinou a *ser*, oportunizou eu trilhar a minha trajetória e voar sonhos tão altos, bem maiores do que o embalado da rede onde ela me acalentava e botava pra ninar em seu colo.

Agradeço também imensamente aos meus pais, Reginaldo e Maria do Socorro, por todo ensinamento que tive nesses 23 anos de vida, por terem contribuído com a minha maior formação humana: a educação, respeito e gentileza com o outro. Por terem me ensinado a construir valores e terem me incentivado a me tornar a melhor versão de mim mesma, sem esquecer que a família sempre vai ser o maior lugar seguro onde se pode estar. Sem eles, nada disso seria possível, admiro toda a garra que meu pai possui e toda a sensibilidade de minha mãe. Obrigada por todo cuidado e apoio até aqui.

Não poderia deixar de mencionar em meus agradecimentos aos meus melhores amigos: Ana Lúcia e Mateus. Vocês são um presente em minha vida, obrigada por cada mensagem de apoio e incentivo sempre, por serem o ombro amigo, o abraço acolhedor, a risada que contagia, e por me marcarem com o sentimento de que a vida pode ser sim, difícil as vezes, mas podemos “we will fight to shine together, bright forever” levo vocês em mim sempre.

E, por último, e não menos importante, direciono os meus agradecimentos ao NEPSH! Esse grupo de estudos que me acolheu, me mostrou as nuances da educação que é repleta de afeto. Um agradecimento especial ao meu orientador Francisco Machado Araujo, carinhosamente chamado de “Professor Chiquinho” por todos os aprendizados socializados no desenvolvimento desta pesquisa, pelas orientações marcadas por reflexões de novas maneiras de refletir que se sistematizaram em forma de escrita. Por cada conselho, palavras motivadoras (e alguns “puxões de orelha”) que foram essenciais para a construção deste trabalho (e não poderia esquecer do cafezinho de costume). Estendo esses meus agradecimentos também ao Projeto Amarelinha e toda sua equipe, com destaque a oficina de contação de histórias, lugar que foram desenvolvidas a maioria das manifestações de contação de histórias no meu percurso acadêmico.

*Never be so kind
You forget to be clever.
Never be so clever
You forget to be kind.
(Marjorie, Taylor Swift)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA	10
3 A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES ATRAVÉS DA ORALIDADE	18
4 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NARRATIVAS: O QUE REVELAM OS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO DE PEDAGOGIA	22
4.1 Mapeamento das referências à contação de histórias nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Pedagogia	24
4.2 Abordagem da contação de histórias no currículo, nas metodologias e nos campos de atuação descritos nos PPCs	28
4.2.1 Abordagem no Currículo	28
4.2.2 Abordagem nas metodologias	30
4.2.3 Abordagem nos campos de atuação	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Nos contextos de formação do pedagogo no Brasil, a contação de histórias desponta como prática pedagógica estratégica que articula linguagem, afetividade e conhecimento. Este estudo desenvolve pesquisa que contempla as manifestações curriculares dessa prática nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de Pedagogia, sob o entendimento de que a narrativa vai além do entretenimento, configurando-se como recurso intencional de formação profissional. A pesquisa parte do pressuposto de que a inclusão da contação de histórias nos PPCs contribui para a construção de trajetórias docentes sensíveis, criativas e alinhadas a uma pedagogia significativa, em consonância com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Paixão et al. (2021) destacam que a contação de história pode interferir positivamente na socialização, imaginação, motivação, criatividade, desenvolvimento, fantasia, atenção das crianças pequenas. Dantas (2019), por sua vez, ressalta que a narrativa infantil constitui um instrumento para a compreensão, a aceitação das suas emoções e seu lugar social, alinhando-se à perspectiva histórico cultural defendem a oralidade como elemento estruturante da cognição e singularidade identitária. Além disso, Silva *et al.* (2020) reforçam que a contação sistemática, quando planejada, estimula habilidades linguísticas, afetivas e cognitivas, sustentando uma proposta formativa integral para o futuro pedagogo.

A prática de contação de histórias, assim como as demais práticas educativas tem um planejamento, uma organização sistematizada, e em sua realização oportuniza situações de ensino-aprendizagem bem-sucedidas. Souza e Bernardino refletem sobre a importância dessa prática educativa para o desenvolvimento infantil:

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil (p.237, 2011).

Nesse contexto, é relevante compreender as mediações da prática de contação de histórias na formação docente considerando a linguagem como o principal instrumento de comunicação e apropriação do mundo da cultura, por meio de suas experiências com a oralidade o pedagogo aprimora a sua prática em sala de aula.

Para Savianni (2019), a educação é uma atividade mediadora, então, o processo de mediação está diretamente associado ao processo de constituição humana. Neste viés, constituir-se humano, implica então, manifestar as capacidades intrinsecamente humanas por

meio do processo educativo assumindo o papel mediador desempenhado pelo professor, a contação de histórias por meio da linguagem, se caracteriza como um importante instrumento de concretização dos processos educacionais.

O objeto de estudo desta pesquisa surgiu a partir de reflexões desenvolvidas durante atividades de extensão vinculadas à oficina de contação de histórias do Projeto de Extensão Amarelinha, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Essas reflexões também foram aprofundadas nas experiências vivenciadas no Componente Curricular de Literatura Infantil. Ao longo desse percurso formativo, no contexto do Curso de Licenciatura em Pedagogia, emergiram questionamentos de ordem pessoal e acadêmica, como a ausência de um componente curricular específico voltado para a prática da contação de histórias, as formas possíveis de organização dessa prática no curso e as contribuições da oralidade para a formação e atuação docente.

Nessa compreensão, levantamos algumas questões que nortearam nossa investigação, sendo elas: Quais as referências à contação de histórias nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Pedagogia? Como a contação de histórias é abordada no currículo, nas metodologias e nos campos de atuação descritos nos PPCs?

A partir dos questionamentos que orientaram a problemática da pesquisa proposta, definimos como objeto de estudos as manifestações das atividades de contação de histórias na formação do Pedagogo a partir de Projetos pedagógicos de cursos de Pedagogia (PPCs).

Procurando organizar o movimento estrutural da investigação, definimos como objetivo geral: Analisar as manifestações das atividades de contação de histórias na formação do Pedagogo a partir de Projetos pedagógicos de cursos de Pedagogia (PPCs). Os objetivos específicos foram estruturados da seguinte maneira: a) Mapear as referências à contação de histórias nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Pedagogia; b) Examinar como a contação de histórias é abordada no currículo, nas metodologias e nos campos de atuação descritos nos PPCs.

A justificativa fundamental desta proposta de investigação parte da seguinte indagação: Por que é importante analisar as manifestações das atividades de contação de histórias na formação do Pedagogo a partir de Projetos pedagógicos de cursos de Pedagogia (PPCs)? Porque, em especial, é importante compreender como se manifesta o uso da oralidade desenvolvidas nas mediações da prática educativa de contação de histórias dos professores dos anos iniciais da educação básica e, também como essas atividades têm sido desenvolvidas e valorizadas em componentes curriculares presentes em PPCs de Pedagogia.

A contação de histórias é uma prática pedagógica fundamental no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, da imaginação, da escuta atenta e do pensamento crítico das crianças. Na formação do pedagogo, essa prática deve ser compreendida não apenas como um recurso lúdico, mas como uma estratégia didática intencional e formadora. No entanto, observa-se que, em muitos cursos de Pedagogia, a contação de histórias não é devidamente valorizada ou sistematizada nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), o que pode comprometer a preparação dos futuros docentes para atuarem de forma sensível, criativa e significativa nos espaços escolares. Diante disso, torna-se relevante investigar como os PPCs têm incorporado (ou não) essa prática em seus currículos, a fim de refletir sobre as concepções de formação docente que orientam os cursos e contribuir para o fortalecimento de propostas pedagógicas que reconheçam a contação de histórias como uma dimensão essencial da prática educativa.

Para a produção dos dados desta pesquisa, foi realizada uma busca sistemática por Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de Pedagogia disponíveis publicamente na internet. A estratégia de coleta consistiu na utilização do mecanismo de busca *Google*, por meio de descritores como “PPC Pedagogia”, “Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia PDF” e “PPC Curso de Pedagogia site: edu.br”. A seleção dos documentos considerou critérios como a atualidade do PPC, a acessibilidade pública dos arquivos e a diversidade geográfica das instituições, a fim de garantir uma amostra representativa de diferentes contextos formativos. Os PPCs obtidos foram organizados em um *corpus* documental e constituíram a base empírica para as análises propostas na pesquisa.

A análise dos dados foi feita por meio de leitura e interpretação direta dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de Pedagogia coletados. O foco foi identificar menções à contação de histórias e compreender como essa prática aparece na formação do pedagogo.

O processo de análise seguiu três etapas básicas: 1) Leitura atenta dos documentos: cada PPC foi lido com atenção especial às partes que tratam do currículo, das disciplinas, das metodologias de ensino, da prática pedagógica e dos estágios; 2) Registro das ocorrências: foram anotadas as menções à contação de histórias, seja como conteúdo de disciplinas, como metodologia, projeto ou prática relacionada à formação docente. 3) Classificação das ocorrências: as informações encontradas foram organizadas de forma simples em três grupos (PPCs que mencionam a contação de histórias diretamente, PPCs que abordam a temática de forma indireta, PPCs que não fazem qualquer menção à temática).

2 PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Desde as primeiras práticas educativas da humanidade, a contação de histórias esteve presente, desempenhando um papel fundamental no processo de formação humana, sendo, por isso, considerada mais antiga do que a própria escola. Essa prática se materializa não apenas como expressão cultural amplamente produzida e reproduzida socialmente, mas também como uma prática educativa, cujo objetivo é promover a concretização dos processos formativos.

Neste tópico, discutimos a materialidade da contação de histórias, destacando os fundamentos que a sustentam enquanto prática educativa. Ao final desse percurso, articulamos a discussão com exemplos que evidenciam a presença da contação de histórias como uma das práticas pedagógicas inseridas no contexto da educação formal. Trata-se de uma prática ancestral, que remonta às primeiras atividades dos seres humanos, quando, ao cair da noite, reuniam-se em torno das fogueiras para transmitir saberes aos mais jovens, narrar mitos e lendas, compartilhar experiências, crenças e valores que moldavam suas visões de mundo e formas de convivência.

A importância de compartilhar o valor dessas experiências coletivas é apontada por Aranha ao dizer que (2006, p.5):

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos.

Assim, por meio de atividades coletivas, o ser humano estabelece relações e compartilha experiências através da oralidade, que possibilita a assimilação da cultura construída pelos indivíduos no contexto social ao longo do processo histórico da humanidade. O contador de histórias, por sua vez, transformou-se ao longo do tempo, acompanhando as mudanças da vida em sociedade. Em diferentes períodos históricos, teve papel fundamental como comunicador, transmitindo os saberes e valores de seu povo por meio da palavra falada. Em determinados contextos, recitavam versos em forma de melodias e reuniam pessoas de todas as idades — dos mais velhos aos mais jovens — para partilhar experiências, muitas delas aprendidas com outros contadores, formando assim um ciclo contínuo de transmissão oral e cultural:

Há muitos e muitos anos, ainda quando a vida amanhecia no planeta, o homem já narrava. Primeiro, falava de seu cotidiano: seus hábitos e seus reveses. Depois, em determinado momento, sentiu a necessidade de dar conta de acontecimentos que escapavam a seu entendimento racional. Precisava encontrar explicações tanto para fenômenos da natureza quanto para o fato de ser quem era e de estar onde estava. Assim concebeu então, um conto maravilhoso que, com seus elementos mágicos, explicava o que a razão desconhecia. Não se sabe precisar quando esse costume de

contar histórias se instituiu como prática social, porém, pode-se afirmar que é bem antigo e de ordem universal, ocorrendo, portanto, em todas as civilizações, como vem sendo comprovado por diferentes estudos etnográficos.

Nas comunidades populares, esses contos eram e são, mesmo hoje, narrados normalmente à noite, depois do trabalho ou durante atividades de ritmo lento, como a pesca e a confecção de renda, não só para relaxar e divertir, mas também para fazer as pessoas refletirem sobre suas vidas pessoais e o contexto social em que estão inseridas. (Cheloa, 2006, p.47)

No contexto educacional, as práticas educativas semelhantes à contação de histórias, evoluem à medida que a sociedade se transforma, sendo continuamente reinventadas em novos cenários e significados. Em seus estudos, Araújo (2019, p. 58) define a prática educativa em seu caráter histórico:

Assim como o ser humano, ela é histórica, isto é, cada sociedade, ao longo de seu desenvolvimento, produz suas práticas educativas próprias, seus meios formativos de apropriação e socialização da realidade, de todo o conhecimento produzido pelas sociedades anteriores.

Ademais, elas são planejadas e conduzidas de forma intencional, por meio de atividades práticas, explicações orais, diálogos e socialização de experiências entre os participantes da sala de aula. Todo conhecimento produzido e construído nesse ambiente materializa-se como um saber essencial, servindo como base para o desenvolvimento do aluno, atuação e transformação da vida em sociedade.

Nesse sentido, a narrativa histórica se constitui como uma prática social educativa, amplamente utilizada para que o ser humano se aproprie e se desenvolva social e culturalmente, através do diálogo e da interação com os outros.

Ao evidenciar a contribuição da contação de história como prática educativa, em seus estudos, Leal (2017, p. 11) reforça a relevância desse saber ao afirmar que:

Ao contar histórias, propiciamos ricas aprendizagens para nossos alunos, que não se limita apenas no despertar do imaginário, mas perpassa pelo trabalho com a oralidade, a produção de cultura à medida que propicia troca de experiências onde o ouvinte também constrói o texto, desenvolve o respeito pela escuta, educa a atenção, amplia o vocabulário, mas para além de todos esses aprendizados a contação de histórias, especificamente os contos de tradição oral, traz ensinamentos que são para a vida, que se transmite de geração em geração e perpetua o poder da palavra oral de nossos antepassados, o que traz a valorização da mesma, algo muito importante no que tange a humanização, imprescindível à qualquer formação do ser.

Assim, a contação de histórias se objetiva para além do ato de compartilhamento dos conteúdos escolares, se revela como um recurso importante no desenvolvimento humano. Pois atua na formação das funções psicológicas superiores, internalizadas por meio das interações sociais e culturais que constituem a base do processo de aprendizagem. Ademais, contar histórias estimula a reflexão, o diálogo e a construção de sentidos, para a formação crítica e

sensível dos indivíduos. As funções psicológicas superiores diferenciam-se das funções psicológicas elementares, de base biológica e inata, por serem historicamente construídas e culturalmente mediadas.

Na perspectiva da Teoria Histórico Cultural, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da interação social, sendo inicialmente observável no plano interpsicológico (entre indivíduos), e posteriormente internalizado no plano intrapsicológico (dentro do sujeito). A linguagem desempenha um papel fundamental neste processo, atuando como instrumento de mediação entre o sujeito e o meio social. Para Luria (1992, p. 131):

Aplicando aquilo que sabíamos e que supúnhamos acerca da estrutura das funções psicológicas superiores (a partir de nosso trabalho com crianças), Vygotsky chegou à conclusão de que essas funções representam sistemas funcionais complexos, mediados em sua estrutura. Incorporam símbolos e instrumentos historicamente acumulados. Consequentemente, a organização dessas funções superiores deve ser diferente de qualquer coisa que possamos observar nos animais.

Tendo em vista as pesquisas e as discussões direcionadas aos processos psicológicos relacionados às funções psicológicas superiores, consideramos que elas estão diretamente associadas a apropriação de conceitos e aos sentidos que são aprimorados tais como: a percepção, atenção, a memória, a linguagem e o pensamento, a atenção, a imaginação, a generalização e abstração.

Na educação formal, principalmente na educação infantil, as crianças vivenciam por meio das atividades um amplo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a música, dança, jogos, brincadeiras e a contação de histórias que aprimora todos os sentidos mencionados anteriormente. Nesta prática carregada de significados o professor precisa estar atento a todas as implicações que essa ação traz para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, por isso a importância de ser uma prática organizada.

Vendrame e Paula (2020) esclarecem a importância da ação de contar histórias para o desenvolvimento da criança:

Essa ação colabora para o processo de desenvolvimento da criança pelo fato de que, ao contar e recontar histórias da Literatura infantil, o contador promove a mediação da linguagem, potencializa as interações e assegura o desenvolvimento infantil. Tais atividades possibilitam às crianças interagirem com o mundo da fantasia e dos símbolos, pois, a partir das narrativas elas apresentam suas opiniões e seus sentimentos. Essas ações também permitem que as crianças possam compreender melhor o mundo em relação ao cotidiano e vivenciarem o exercício social da oralidade e escrita. (2020, p.3)

Nesse movimento, a aprendizagem é entendida como algo que não acontece de maneira isolada, mas sim contextualizada pelo ambiente sócio histórico em que o indivíduo

está inserido, permeada pelas práticas culturais que se concretizam, muitas vezes, em práticas educativas.

Para que ocorra a apropriação do mundo da cultura, é necessária a utilização de diversos instrumentos. Por meio deles, a criança estabelece relações com os outros, experimenta novas formas de ser e de fazer cultura. Diante dessa compreensão, Costas e Ferreira (2011, p. 211) ressaltam que “entre esses instrumentos, a linguagem ocupa um lugar central nas proposições vygotskyanas. É pela linguagem que os seres humanos interagem não somente entre si, mas com o ambiente, com a história, apropriando-se da cultura.” Há, portanto, uma fusão entre os aspectos culturais e históricos, sendo a linguagem um mediador essencial nesse processo de interação e construção do conhecimento.

Isso significa que o pensamento humano não é algo natural ou isolado, mas construído historicamente nas relações sociais. Nesse sentido, a linguagem se constitui como o principal instrumento mediador entre o ser humano e seu conhecimento sobre o mundo. Complementando essa linha de raciocínio, Fichtner (2010, p. 28) destaca que “o caráter mediador dos instrumentos torna-se elo intermediário entre o sujeito e o objeto da atividade humana. O significado social dos instrumentos diante das relações humanas é transmitido aos descendentes por meio dos signos”.

Em articulação com essa perspectiva, compreende-se que as relações sociais se formam no mesmo processo de produção do principal meio de comunicação: a fala. A interação dos sujeitos com o meio social ocorre por meio do trabalho, atividade essencialmente humana, que se objetifica nos resultados produzidos com o uso de instrumentos. No que se refere ao desenvolvimento, este se dá de forma dinâmica, à medida que o ser humano se relaciona com a sociedade. Durante esse processo, há uma apropriação de elementos culturais oriundos das atividades tipicamente humanas, estabelecendo-se, assim, uma relação intrínseca entre aprendizagem e desenvolvimento.

Por conseguinte, o conceito de mediação predomina como fundamento essencial na Teoria Histórico-Cultural para compreender como se estabelecem as possibilidades de aprendizagem por meio do uso de instrumentos. Em apoio a essa afirmação, Saviani (2019, p. 124) esclarece:

A categoria de mediação é central na pedagogia histórico-crítica a tal ponto que, para essa teoria pedagógica, a educação é entendida como uma atividade mediadora no interior da prática social global. Como tal, o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa é a prática social.

À luz dessa categoria, compreendemos também como se dá a aprendizagem da criança, marcada por possibilidades de práticas educativas carregadas de sentidos que se transformam

em vivências significativas. Assim, a criança aprende e se desenvolve na interação com a cultura e com os outros, utilizando instrumentos simbólicos e materiais. Partindo desse pressuposto, Vygotsky (1997, p. 26) destaca a relevância desse conceito para a compreensão dos elementos que envolvem as práticas educativas ao afirmar que a “mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”.

Assim, respaldada nas palavras do autor, a educação consiste em uma importante mediação que tem como objetivo garantir a transformação qualitativa das relações entre os elementos, atuando como intermediária entre o sujeito e a sociedade. Nesse percurso, a escola se destaca como o principal ambiente propício para que essa mediação ocorra, por meio das práticas educativas vivenciadas, que contribuem para a constituição do ser humano e sua atuação social.

Partindo desse entendimento, a linguagem se configura como o principal instrumento pelo qual a criança compreende e se insere no mundo social, externalizando suas formas de pensar e agir por meio da fala. Assim, há uma associação direta com o desenvolvimento, pois ambos ocorrem do “dentro” (internamente) para o “fora” (externamente). Nesse contexto, a contação de histórias se concretiza como um elemento mediador no processo de aprendizagem infantil. Essa atividade manifesta-se especialmente na literatura infantil, quando os alunos têm contato com o vasto universo literário de diversos gêneros; os livros, então, tornam-se a principal porta de entrada para o mundo dos contos maravilhosos. Gasperi e Dittrich (2023, p. 9) reforçam essa importância ao afirmar que:

A literatura infantil vai muito além de simplesmente abrir um livro ou observar imagens e letras; embora essas ações sejam importantes, não podemos nos limitar a elas. A literatura é fonte de conhecimento, um meio para a criança transcender no ato educativo de aprender e desenvolver, em suas diversas dimensões, o amor pela leitura, a importância de ter um livro em mãos e, acima de tudo, criar o hábito e o amor pela literatura, tornando-a cultura.

Todavia, o simples contato com os livros não é suficiente; é necessário transformar essa ação em um ato educativo carregado de significados, que envolva desde a escolha do livro até a preparação do conto e o momento da leitura por meio da contação de histórias.

Conforme as contribuições de Coelho (1999), o ato de contar histórias envolve etapas específicas: escolha da narrativa, apropriação do conto, forma de apresentação, narrativa propriamente dita e atividades complementares propostas. Trata-se, portanto, de um processo organizado e intencional, no qual o espaço escolar constitui o principal ambiente para que o

aluno estabeleça relações com múltiplas histórias, mediadas por diversas possibilidades de apresentação.

Concordando com essa perspectiva, podemos afirmar que, ao ouvir uma história, o movimento interpretativo do aluno reflete seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo. Por isso, recomenda-se que o contador inicie a narrativa questionando os ouvintes sobre a temática da história, com o intuito de sensibilizá-los, estimular sua participação e promover uma aproximação afetiva com o conto narrado. Sobre isso Mendes *et al* (2018, p. 3) reforçam que existem “várias maneiras de se contar história, e em todas elas o narrador deve usar o prazer de narrar, usando estratégias como gestos corporais, entonações sonoras, mímicas, para que assim o ouvinte consiga se materializar na história ouvida”.

Ao ler ou ouvir um conto, o leitor busca a sintonia da sua própria historicidade com a do autor. A partir deste movimento de reflexão, a contação de histórias atua como um elo intermediário entre a criança (sujeito) e o mundo social (objeto), proporcionando-lhe uma forma de compreender, experimentar e transformar a realidade, se caracterizando também como uma atividade mediadora de aprendizagem. Por meio dessa prática, a criança aprende a usar a linguagem, expressar suas emoções e compreender a sociedade em que vive e constrói, Tahan(1980, p.71) ao mencionar os objetivos das histórias infantis diz que “A história infantil deve ser educativa, instrutiva e recreativa”. A partir do pensamento deste autor a contação de histórias ao ser utilizada como instrumento mediador no processo educativo, ela proporcionará situações de aprendizado para os alunos à medida que também propicia o divertimento por meio do lúdico.

Nesse sentido, a narrativa histórica se configura como uma prática social educativa cujo objetivo é concretizar a educação, sendo amplamente utilizada para que o ser humano se aproprie e se desenvolva social e culturalmente por meio do diálogo e da interação com os outros. Torres e Tettamanzy (2008, p. 3) destacam que “o principal objetivo em contar uma história é divertir”. No entanto, essa prática vai muito além do entretenimento, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Mais do que transmitir conteúdos, contar histórias estimula a reflexão, o diálogo e a construção de sentidos, contribuindo para a formação crítica e sensível dos indivíduos.

Doria, Novais e Bartolomei (2023, p. 3) reforçam essa ideia ao afirmar:

A arte de contar história vai muito além de simplesmente ler um conto, poema, fábula ou conto de fadas. O contador – e aqui tratamos especificamente do professor – precisa dar vida aos personagens e à história contada, valorizar a entonação da voz, a postura corporal e facial nas exclamações, interrogações, gritos ou sussurros, para que as crianças possam criar imagens mentais dos suspenses, medos, alegrias e outras emoções presentes em cada fala dos personagens e em cada ação do enredo.

A partir dessas reflexões, compreendemos que a contação de histórias é uma arte que permite ao indivíduo explorar sua voz por meio da linguagem, sendo o professor o mediador desse processo. Nessa perspectiva, Busatto (2010, p. 14) destaca o papel fundamental do contador de histórias: “O contador de histórias surgiu da necessidade de perpetuar o imaginário individual ou coletivo e, nesse contexto, desempenhou um papel especial. Ele é a ponte que liga o mundo de fora ao mundo de dentro.” Contudo, essa expressão não se limita à oralidade: também é possível comunicar uma narrativa por meio de gestos, elementos cenográficos, musicalidade, dança, fantoches, entre outros recursos expressivos.

Leiro (2023, p. 66) exemplifica os elementos essenciais para uma prática satisfatória de contação de histórias, destacando a consciência vocal do contador, que alterna a tonalidade da voz ao apresentar novos personagens, e a importância dos gestos, que convidam o ouvinte a se envolver na narrativa, garantindo a atenção necessária para transmitir a mensagem dos personagens. Além disso, o autor ressalta o uso de objetos manipuláveis para enriquecer a experiência, ao exemplificar algumas situações as quais “o contador pode utilizar objetos fáceis de manipular e trocar, por exemplo: para Chapeuzinho Vermelho (cesta, capuz vermelho); lobo (máscara, luvas com garras, orelhas longas); caçador (machado, pedaço de madeira); vovozinha (peruca grisalha, xale)”.

Dessa forma, a contação de histórias manifesta-se principalmente como um ato comunicativo que, por meio da fala, expressões corporais e instrumentos cênicos, enriquece a prática e amplia suas possibilidades de significado. Nesse contexto, a contação de histórias revela sua relevância para o desenvolvimento infantil, pois articula a interação social entre o narrador (professor) e os ouvintes (alunos), promovendo o compartilhamento de saberes e desenvolvendo áreas como criatividade, curiosidade, raciocínio lógico para solucionar situações narrativas, aprimoramento da linguagem e ampliação do vocabulário. Magalhães (2023, p. 15) destaca:

Essa prática educativa tem papel significativo no processo de ensino-aprendizagem, pois apresenta as crianças ao universo da narrativa, sendo um instrumento importante para ampliar as experiências sociais, desenvolver a imaginação, a habilidade de escutar e dar sequência lógica aos fatos, ampliar o vocabulário e potencializar a importância da linguagem oral.

Assim, a prática ocorre tanto em sala de aula quanto em oficinas coletivas, nas quais os alunos podem recriar, contar ou dramatizar histórias utilizando diversos instrumentos.

Em pesquisa realizada por Gasperi e Dittrich (2023, p. 12), foi relatada uma vivência de contação de histórias cujo objetivo principal era a aprendizagem das diferentes emoções:

A história escolhida foi 'Bruxa, Bruxa, venha à minha festa', de Arden Druce e Pat Ludlow. Pertencente ao grupo da literatura infantil, o livro, rico em ilustrações e com poucos textos, permitiu à pesquisadora dar personalidade a cada personagem, oferecendo às crianças sensações de alegria, tristeza, medo, choro, atenção, amor e risada, enquanto acompanhavam o desenrolar da narrativa e identificavam as diferentes personalidades.

Refletindo sobre a prática e o envolvimento dos alunos, as autoras afirmaram:

A vivência trouxe contribuições significativas para o desenvolvimento das crianças, evidenciado pela participação e fruição durante a história, elaborada com ludicidade e criatividade para atingir os objetivos. As crianças se sentiram confortáveis e completamente envolvidas ao longo da contação, expressando-se de diversas formas, desde o choro diante de personagens assustadores até risadas diante de gestos e sons engraçados (Gasperi e Dittrich 2023, p. 16).

A partir dessa análise, compreende-se que a contação de histórias é uma prática educativa que medeia situações de aprendizagem para a criança, tanto em aspectos emocionais quanto cognitivos e outros fatores. Por meio da narrativa, a criança compreende seus sentimentos em relação a situações específicas, atribuindo-lhes significado e externalizando-os pela palavra. Dessa forma, na sua subjetividade, a criança associa sentimentos a situações e aprende que esses possuem um "nome direcionado", construindo essa compreensão na interação mediada pelo diálogo expresso de diversas formas.

Para que a contação de histórias seja desenvolvida satisfatoriamente, é necessário analisar os contextos em que o educador a insere em sua formação, os espaços por onde ela circula, os componentes curriculares em que aparece e a forma como é desenvolvida ao longo da trajetória acadêmica. Em sala de aula, na atuação profissional, cabe ao pedagogo assumir o papel de contador de histórias, utilizando diversos instrumentos educativos, entre os quais a contação de histórias se destaca.

A partir das discussões e apreensões deste tópico, constatamos que, ao realizar essa atividade de contação de histórias, o professor adota postura específica, planejando estratégias para conduzir a narrativa oral e captar a atenção dos alunos. Ele organiza e estrutura a experiência, transformando-a em uma prática educativa significativa.

No tópico seguinte, discutiremos a formação do pedagogo e a importância do desenvolvimento de habilidades narrativas, explorando como esse profissional pode aprimorar sua prática e utilizar a contação de histórias como recurso pedagógico intencional e carregado de significados.

3 A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES ATRAVÉS DA ORALIDADE

Para compreender o processo de mediação pedagógica e o papel da oralidade na construção dos saberes docentes, é necessário, primeiramente, analisar a categoria Mediação segundo os fundamentos da Teoria Histórico Cultural. Neste estudo, a mediação — especialmente em sua dimensão pedagógica — auxilia na compreensão de como a construção dos saberes docentes ocorre por meio da oralidade, entendida como uma das formas de manifestação da linguagem.

A Mediação é uma das categorias centrais da Teoria Histórico Cultural para entender os processos de formação humana, os quais não ocorrem de maneira espontânea, mas por meio do uso de instrumentos mediadores. Assim, a aprendizagem se concretiza nesse processo, que depende da realização de atividades mediadas. A introdução de elementos mediadores nas relações entre o organismo e o meio torna essas interações mais complexas. À medida que o indivíduo se desenvolve, as relações mediadas passam a predominar sobre as diretas. Como destaca Oliveira (1995, p. 27), a relação do ser humano com o mundo não é direta, mas essencialmente mediada.

A mediação aproxima o sujeito de determinados conhecimentos, os quais passam a ser por ele significados. Nesse sentido, Rocha e Silva (2018) contribuem ao afirmar que a linguagem e a oralidade devem ser compreendidas como produções de significações e sentidos de si, do outro e do mundo. Durante a infância, a criança dispõe de uma série de recursos que, por meio da mediação do adulto e do acesso aos elementos da cultura, lhe possibilitam atribuir significações à sua própria experiência.

A oralidade desempenha papel central nesse processo de desenvolvimento da linguagem, que, nos primeiros meses de vida, não ocorre de maneira intencional ou direta, mas evolui à medida que a criança interage com o universo cultural ao seu redor. Como afirma Luria (2006, p. 27):

(...) no começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas por processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica. Mas, através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma.

Pino (2005, p. 67) reforça essa compreensão ao afirmar que “a criança só terá acesso à significação dos objetos culturais, ou seja, só poderá tornar-se um ser cultural, por intermédio da mediação do Outro”. Dessa forma, evidencia-se que a evolução da linguagem oral depende da mediação contínua e significativa com o meio cultural e social.

É nesse contexto que a escola assume papel decisivo: por meio da mediação do professor, a criança aprimora sua linguagem e potencializa o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, através de atividades intencionais que criam significados. Baso (1998, p. 5) destaca a especificidade da mediação realizada pelo professor ao afirmar que:

A mediação realizada pelo professor entre o aluno e a cultura apresenta especificidades, ou seja, a educação formal é qualitativamente diferente por ter como finalidade específica propiciar a apropriação de instrumentos culturais básicos que permitam a elaboração de entendimento da realidade social e a promoção do desenvolvimento individual.

Com base nessa reflexão, compreende-se que a mediação exercida pelo professor é, essencialmente, uma mediação pedagógica — uma relação intencional entre professor, aluno e cultura, cujo objetivo é possibilitar a apropriação de instrumentos culturais a partir da compreensão da realidade social e da construção do desenvolvimento individual.

A esse respeito, Bessa (2018, p. 459) afirma que a expressão “mediação pedagógica” está diretamente relacionada aos procedimentos utilizados na relação professor-estudante com vistas à aprendizagem, baseando-se em reflexões críticas das experiências e do processo de trabalho desenvolvido pelos agentes produtores de conhecimento.

Para que isso se concretize, é necessário que o professor incorpore à sua prática pedagógica instrumentos mediadores que não apenas favoreçam a aprendizagem dos estudantes, mas também o auxiliem no domínio dos conteúdos. Mello (2020, p. 80), ao refletir sobre a importância das atividades mediadoras, afirma que as atividades mediadoras “exercem papel preponderante nesse processo, uma vez que são vias de mão dupla de aprendizagem: beneficiam tanto quem as engendram (profissionais) como o sujeito delas (o aluno)”.

Existem inúmeros saberes que o professor precisa se apropriar ao longo de sua trajetória formativa, e a oralidade destaca-se como um dos mais fundamentais, pois é por meio dela que se dá a mediação dos conhecimentos e conceitos científicos. Farias e Bortolanza (2013, p. 96) reforçam essa compreensão ao afirmarem que “a linguagem é o principal recurso de que ele [o professor] dispõe no processo de mediação pedagógica”. Nessa mesma direção, Rocha e Silva (2018), baseando-se nas reflexões de Marcuschi (2001), analisam a função da oralidade como produção discursiva de gêneros orais, compreendendo-a como uma prática social com fins comunicativos, que assume diversas formas textuais baseadas na realidade sonora — da mais informal à mais formal — nos variados contextos (Marcuschi apud Rocha e Silva, 2018, p. 8).

Com base nesse entendimento, é possível destacar a relevância da oralidade na prática docente. É por meio da linguagem que o professor socializa os conteúdos científicos, e a

aprendizagem é apropriada pelo aluno tanto por meio da escrita quanto pela expressão oral. Farias e Bortolanza (2013, p. 103) aprofundam essa perspectiva ao esclarecer que “o ensino ocorre por meio da linguagem (oral e escrita), a aprendizagem se realiza por meio da linguagem (oral e escrita), o pensamento se materializa nas palavras (pensamento verbal)”. Assim, a linguagem constitui o elemento central de todos os processos que envolvem a relação entre o ser humano, a aprendizagem e a cultura.

Nesse contexto, a contação de histórias se apresenta como um recurso pedagógico significativo, integrando a mediação entre professor e aluno, tanto por sua forma escrita — presente nos livros didáticos — quanto por sua dimensão oral, expressa por meio de narrativas repletas de ensinamentos cotidianos e literários. Farias e Bortolanza (2013, p. 106) também destacam que “na linguagem oral, os interlocutores compartilham a mesma situação, usam como recurso de expressão a mímica, o gesto e a entonação para se comunicarem”, características essas também presentes nas contações de histórias encenadas. Nessas práticas, o narrador se expressa por meio de gestos, movimentos corporais, modulação da voz e clareza na pronúncia, evidenciando o caráter pedagógico da mediação e fortalecendo a contação de histórias como ferramenta potente de vivência e construção de saberes entre professor e aluno.

A contação de histórias também pode ser explorada em abordagens interdisciplinares, funcionando como uma ponte entre diferentes áreas do conhecimento. Sob essa ótica, ela não se limita a um momento isolado de acolhimento ou desconectado dos conteúdos escolares, como muitas vezes ocorre na prática cotidiana. Pereira de Paula et al. (2021, p. 121) alertam para esse uso descontextualizado, ao relatarem que “nas escolas de educação infantil é comum o professor contar histórias no fim do período, quando as crianças já estão cansadas e prontas para irem para suas casas”, utilizando os livros apenas para distração ou manter as crianças em silêncio, sem uma intencionalidade pedagógica voltada ao desenvolvimento de conhecimentos.

As habilidades narrativas orais estão inseridas no cotidiano do professor, sobretudo no diálogo com os alunos, permitindo-lhes construir pensamento a partir de conteúdos específicos. Essa construção só é possível mediante a relação entre sujeito e linguagem. Rocha e Silva (2018, p. 9), ao investigarem as propriedades da oralidade, classificam-na em seis categorias, destacando que, na última delas, a oralidade atua de forma complexa e multissemiótica, indo além dos aspectos orais para englobar aspectos segmentais e suprasegmentais:

Enquanto aspecto segmental (a voz — produção do aparelho fonador e suporte acústico da fala; fones, consoantes e vogais, sílabas; signo), é constituída também por aspectos suprasegmentais (pausas, entonações, qualidade da voz, ritmo e velocidade da fala) e prosódicos (elaboração fluente, foco nas palavras, captação da audiência do interlocutor), explorados como estratégias discursivas para a tomada da palavra, captação da audiência e autoafirmação perante o grupo social com o qual interage.

Relacionando essa análise à prática docente, observa-se a importância da modulação da voz, da entonação adequada e da velocidade da fala no diálogo com os alunos, com vistas a captar a atenção e adaptar a linguagem ao nível de aprendizagem das crianças. Tais elementos tornam-se ainda mais evidentes e eficazes durante a contação de histórias, pois essa prática exige que o professor, enquanto narrador, esteja atento aos aspectos multissemióticos da oralidade para tornar a experiência envolvente. Dessa forma, os alunos se sentem imersos na narrativa, sensibilizam-se com a história contada e são estimulados a desenvolver sua própria expressão narrativa.

Os saberes docentes são construídos à medida que o professor reconhece a importância das dimensões da linguagem e da oralidade em sua prática pedagógica, incorporando instrumentos que favoreçam novas formas de produzir conhecimento — como é o caso da contação de histórias. Assim, ao integrar as narrativas orais ao seu fazer docente, o professor amplia as possibilidades de construção do conhecimento e reafirma o papel da linguagem e da oralidade como elementos centrais na formação de saberes docentes contextualizados, reflexivos e socialmente significativos.

No tópico seguinte, apresentamos análise que revela as manifestações dessas atividades nos projetos pedagógicos de alguns cursos de Pedagogia no Brasil.

4 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NARRATIVAS: O QUE REVELAM OS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO DE PEDAGOGIA

Discutir a formação do pedagogo requer, inicialmente, uma análise histórica do conceito de educação, da constituição da Pedagogia enquanto ciência que estuda os processos educativos, e do pedagogo como profissional pesquisador que investiga e mobiliza práticas educativas nos diversos contextos socioeducacionais.

Sob essa perspectiva, compreende-se que a educação se faz presente onde houver humanidade, convívio social e cultura, não se restringindo apenas às ações realizadas no espaço escolar. Conforme Filho (2002, p. 59), a educação “atua sempre e por toda parte onde o convívio humano exista, sem que, para isso, necessite de uma atividade deliberada e consciente”.

O conceito de educação, portanto, é amplo, manifestando-se de forma intencional ou não intencional, e passou por transformações ao longo dos anos, conforme as influências históricas e sociais. No debate proposto por Severo e Pimenta (2021), os autores destacam que a origem etimológica da palavra educação provém dos termos latinos *educare* e *educere*. O primeiro está relacionado à organização de saberes adquiridos e à socialização de conhecimentos e valores; o segundo, à promoção das potencialidades individuais por meio da experiência.

Ao longo da história, diversas concepções foram formuladas para contemplar a complexidade do processo educacional, cada uma baseada em diferentes visões de mundo. Destaca-se a visão liberal e individualista de educação, que a concebe como um processo de adaptação individual às formas sociais preexistentes, desconsiderando as condições históricas e sociais que a moldam. Em contraponto, a perspectiva fundamentada no Materialismo Histórico Dialético compreende a educação como produto do desenvolvimento histórico social e da luta entre classes e grupos sociais (Severo; Pimenta, 2021, p. 168).

A educação pressupõe, portanto, a produção e a apropriação do saber, em uma relação dialógica entre professores e alunos, em que a prática docente se retroalimenta por meio da reflexão. O saber produzido deve ser aplicado na realidade, pois não se trata de um processo externo e isolado (Saviani apud Ceribelli, 2013).

Autores como Saviani (1991), Libâneo (1994), Nóvoa (1992), Freire (1974) e Pimenta (2021) apoiam a valorização da Pedagogia como ciência da educação, capaz de abarcar a complexidade dos processos educacionais. A educação é compreendida como processo de formação humana, e a Pedagogia, como o campo de conhecimento que investiga os modos

como esses processos se constituem, considerando a historicidade, os sujeitos envolvidos e os contextos onde ocorrem. Nesse sentido, a Pedagogia tem como objeto de estudo a prática educativa.

O pedagogo, por sua vez, atua na análise e intervenção dos processos educacionais em diversos espaços de aprendizagem, escolares ou não, com o objetivo de promover transformações sociais. Para compreender essa atuação, é necessário analisar a trajetória histórica do curso de Pedagogia e os debates teóricos que o constituíram.

Segundo Saviani (2009), o curso de Pedagogia passou por três fases marcantes: (1) a organização dos cursos de Pedagogia e Licenciatura e a consolidação das Escolas Normais (1934-1971), com formação voltada à docência e à gestão; (2) a substituição da Escola Normal pela habilitação específica de Magistério (1971-1996), influenciada pelo regime militar, com redução da carga horária dos cursos e criação de especialidades em educação; e (3) a reformulação do curso, com foco na formação para a Educação Infantil e os Anos Iniciais.

Nessa reestruturação, o curso passou a integrar disciplinas teóricas e metodológicas articuladas à prática, buscando abranger os diversos saberes que compõem o campo pedagógico. Assim, o pedagogo encontra diversas possibilidades de atuação, dentro e fora das escolas.

Apesar das reformulações, algumas práticas educativas, como a contação de histórias, ainda carecem de formação específica. Segundo Café (2023, p. 128): "ainda que os contadores de histórias se desenvolvam nas escolas [...], é pertinente denunciar a falta de formação dos profissionais envolvidos com as crianças nas atividades de contar e ouvir histórias, que deveriam estar presentes nos currículos das licenciaturas."

Em algumas universidades, essa prática é abordada em oficinas, projetos de ensino ou extensão, como atividade complementar às metodologias de componentes curriculares. A presente pesquisa documental analisou treze Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de Pedagogia de diferentes IES brasileiras, buscando identificar a inserção da contação de histórias na formação docente.

A análise seguiu três etapas: (1) leitura dos PPCs com foco nos currículos, metodologias, práticas pedagógicas e estágios; (2) registro das ocorrências da contação de histórias como metodologia de disciplinas, oficinas ou prática formativa; e (3) classificação das ocorrências em três grupos: PPCs que mencionam diretamente a prática; PPCs que a abordam de forma indireta; e PPCs que não a mencionam.

O PPC é um documento essencial que orienta a estruturação curricular de um curso superior, garantindo o direito à formação de qualidade. Além de apresentar os objetivos e

fundamentos do curso, ele contempla legislações educacionais, organização curricular, metodologias de ensino, estágios, avaliação, infraestrutura, e projetos de extensão e pesquisa.

Como destaca Brito (2008, p. 7), o PPC deve observar os princípios constitucionais, a diversidade sociocultural e regional, e as diretrizes da LDB e do Plano Nacional de Educação. Para este autor, a organização do PPC compreende alguns seguintes itens principais: 1) Apresentação; 2) Bases Legais; 3) Objetivos e Metas; 4) Organização Curricular; 5) Metodologia de Ensino; 6) Estágio Supervisionado; 7) Avaliação; 8) Infraestrutura; 9) Extensão e Pesquisa.

Portanto, o PPC visa assegurar a formação integral dos alunos, com transparência nos objetivos e conteúdo a serem desenvolvidos. A sua avaliação contínua é essencial para adequar o curso às diferentes realidades sociais e culturais.

Apresentamos nos subtópicos seguintes, a análise a partir dos PPCs que revelam, em sua estrutura organizacional, a ocorrência da manifestação de contação de histórias como prática educativa presente nos componentes curriculares do curso de Pedagogia. Destacamos, ao final da análise, como a prática serve como um importante instrumento metodológico para compor (ou não) as metodologias de ensino no desenvolvimento das atividades curriculares nas disciplinas do curso.

4.1 Mapeamento das referências à contação de histórias nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Pedagogia

A análise dos treze PPCs permitiu refletir sobre a presença (ou ausência) da contação de histórias como prática formativa no curso de Pedagogia. Com base no item Organização Curricular, foi possível identificar as componentes curriculares as quais a atividade de contação de história é abordada diretamente, indiretamente ou não mencionada. Tal levantamento contribui para compreender as possibilidades e lacunas na formação do pedagogo no que se refere à contação de histórias como recurso educativo. No quadro a seguir apresentamos a relação descritivas dos PPCs analisados:

Quadro 1 - Análise dos PPCs quanto à Contação de Histórias

Ano do PPC	Instituição	Componente Curricular
2011	Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr	Literatura infantil Metodologia da educação infantil Didática da Língua Portuguesa Didática da Alfabetização Educação e Ludicidade Tópicos especiais em Educação (optativa)
2007	Universidade Federal do Maranhão - UFMA	Fundamentos e Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa Metodologias em Educação infantil Educação e Literatura (optativa) Linguística e Alfabetização
2018	Universidade Federal do Piauí – UFPI	LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais Alfabetização e Letramento Linguística e Alfabetização Didática da Arte Educação Infantil e diferentes linguagens Didática da Língua Portuguesa Linguagem, Corpo e Movimento Leitura Literária na Escola Recursos Didáticos e tecnológicos
2014	Universidade Federal do Ceará – UFC	Letramento e Alfabetização Psicopedagogia (optativa) Ensino de Língua Portuguesa Literatura Infantil e Educação da Criança (optativa) Práticas Lúdicas, Identidade Cultural e Educação (optativa) Desenvolvimento da Linguagem e Educação Leitura e Produção de textos na formação de professores (optativa) Arte e Educação
2018	Universidade Federal do Amazonas - UFAM	A criança e as Artes Jogos e atividades lúdicas Alfabetização e Letramento Mediações Didáticas Literatura Infantil Conteúdo e metodologia da Língua portuguesa Tópicos especiais
2010	Universidade Federal do Pará – UFPA	Literatura infantil Educação e Ludicidade Educação Infantil: Concepções e Práticas Infância, Cultura e Educação Língua Portuguesa nos anos iniciais Linguagem Oral e Escrita
2018	Universidade de Brasília – UnB	Processos de Alfabetização e Letramento Educação Infantil Infância, cultura e Educação Ensino e aprendizagem da língua materna
2019	Universidade Federal do Mato Grosso Campus Rondonópolis - UFMT	Língua Portuguesa Brincar e Educação Linguagens e suas metodologias Língua portuguesa Fundamentos e Metodologias da educação infantil Literatura Infantil Fundamentos da alfabetização Artes e Educação

2024	Universidade de São Paulo – USP	<p>Cultura e Educação II: imaginário e processos simbólicos (optativa)</p> <p>Literatura, Cultura e Educação: Hermenêutica e processos formativos (optativa)</p> <p>Texto e Imagem: literatura para crianças na escola</p> <p>Artes e Educação Infantil II: Dança e Teatro. Educação Infantil</p> <p>Fundamentos teóricos-metodológicos da alfabetização</p> <p>Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa: Alfabetização e Letramento</p> <p>Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil</p> <p>Perspectiva Histórico-Cultural: implicações para a prática pedagógica (optativa)</p> <p>Biblioteca Escolar: memórias e práticas educativas (optativa)</p> <p>Memória e Memórias de Formação e de Leitura (optativa)</p> <p>Leitura e Produção de Textos (optativa)</p> <p>Linguagem e conhecimento (optativa)</p>
2019	Universidade Federal do Rio de Janeiro Zona Rural	<p>Arte e Educação</p> <p>Educação, História e Cultura dos povos indígenas</p> <p>Alfabetização e Letramento</p> <p>Ensino de Língua Portuguesa</p> <p>Prática de Ensino de Educação Infantil</p> <p>Corpo e Educação</p> <p>Escrita, Alfabetização e Letramento</p> <p>Infância e Cultura (optativa)</p> <p>Linguagem, subjetividade e cultura (optativa)</p> <p>Multiculturalismo e Educação</p>
2015	Universidade Federal de Goiás – UFG	<p>Alfabetização e Letramento</p> <p>Educação e Música</p> <p>Fundamentos, Conteúdos e Metodologias de Língua Portuguesa</p> <p>Sociedade, Cultura e Infância</p>
2018	Universidade Federal do Paraná – UFPR	<p>Educação do Corpo e Infância</p> <p>Alfabetização</p> <p>Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa</p> <p>Linguística e Ensino</p>
2020	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	<p>Aprendizagem e Desenvolvimento</p> <p>Educação e Infância III: Fundamentos da Educação Infantil</p> <p>Linguagem Verbal e Criança</p> <p>Literatura e Ensino</p> <p>Alfabetização</p> <p>Educação e Infância IV: conhecimento, jogo, brincadeira e linguagem</p> <p>Arte, imaginação e educação</p> <p>Educação e Comunicação</p> <p>Infância e Educação Corporal</p> <p>Aquisição e Desenvolvimento da Língua Infantil (optativa)</p>

O mapeamento revela que a contação de histórias ainda aparece de forma pontual e, por vezes, periférica nos PPCs de cursos de Pedagogia. Sua presença mais consistente ocorre em componentes relacionados à Literatura Infantil ou Arte e Educação, mas não se configura

como eixo estruturante ou prática transversal. Esse cenário indica a importância de ampliar sua inserção como estratégia formativa intencional no desenvolvimento de habilidades linguísticas, narrativas e expressivas dos futuros professores.

Com base na análise das disciplinas dos cursos de Pedagogia nas instituições de ensino superior, identificamos os componentes curriculares em que a contação de histórias pode ser desenvolvida com objetivos variados, mas sempre articulados ao processo formativo dos alunos. Nas disciplinas de alfabetização, por exemplo, a prática pode explorar a linguagem oral e escrita dos livros infantis — contos, lendas, fantasias, poemas etc. A criança se apropria da linguagem ao ler grafemas, associar fonemas ("som das letras") e perceber palavras presentes nas histórias. O professor pode narrar um conto e, em seguida, propor atividades relacionadas ao vocabulário do texto, fortalecendo a aprendizagem da leitura e escrita, conforme evidenciam Pereira da Silva & Santos (2024), que mostraram como a contação de histórias favorece o desenvolvimento da modalidade escrita durante a alfabetização.

O caráter lúdico da contação de histórias é especialmente valorizado nos componentes de ludicidade, jogos e brincadeiras. Nesses momentos de “faz de conta”, as crianças são sensibilizadas a criarem suas próprias narrativas ou recriar contos, desenvolvendo criatividade, imaginação e autonomia. Atividades que partem da história, como jogos ou dramatizações, ajudam o professor a identificar o que foi aprendido e quais elementos despertaram maior interesse. Oliveira & Moreira (2022) ressaltam que narrativas orais promovem o desenvolvimento do pensamento crítico, memória e concentração nos alunos da Educação Infantil.

Nos componentes de Didática e ensino de conteúdos como Matemática, a contação de histórias exerce um papel interdisciplinar ao contextualizar conceitos como expressões numéricas, geometria e unidades de medida dentro de enredos. Isso torna o aprendizado significativo ao abraçar a realidade e a experiência dos alunos, associando o conto a situações reais.

No campo da Arte e representações étnico-culturais, a prática se fortalece como instrumento de reconhecimento e expressão de identidades. Ao contar histórias que valorizam a cultura afro-brasileira, por exemplo, contribui-se para o desenvolvimento de conhecimentos étnico-raciais. A inclusão de práticas artísticas como a confecção de mandalas africanas conecta a narrativa oral com diferentes linguagens simbólicas — voz, desenho, pintura — ampliando a percepção de si mesmo e do outro. Silva & Nascimento (2021) afirmam que a contação de histórias aguça o imaginário, promove a formação de leitores e fortalece vínculos afetivos por meio da literatura infantil.

Diante disso, fica claro que a inserção de narrativas orais — especialmente através da contação de histórias — é essencial para a formação do pedagogo enquanto sujeito ético, sensível e comprometido com uma educação humanizadora. A análise dos PPCs revela caminhos para incorporar essa prática na formação inicial docente, enriquecendo o repertório pedagógico e valorizando a diversidade, o diálogo e as múltiplas expressões culturais. A interdisciplinaridade, ao articular contação de histórias com alfabetização, ludicidade e arte, potencializa a aprendizagem e promove um desenvolvimento integral das crianças.

4.2 Abordagem da contação de histórias no currículo, nas metodologias e nos campos de atuação descritos nos PPCs

A análise revela que, embora nem todos os PPCs abordem diretamente a contação de histórias de forma aprofundada, ela aparece com frequência em componentes curriculares ligados à literatura infantil, nos estágios supervisionados em Educação Infantil, nas metodologias de ensino e na articulação com práticas interdisciplinares. A valorização dessa prática nos documentos institucionais demonstra sua relevância na formação do pedagogo como mediador de aprendizagens sensíveis, significativas e culturalmente contextualizadas.

4.2.1 Abordagem no Currículo

A contação de histórias aparece, de modo predominante, vinculada a componentes curriculares voltados à Literatura Infantil e à formação para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Disciplinas como Literatura Infantil, Educação Infantil e Diferentes Linguagens e Leitura Literária na Escola incluem, em suas ementas, a prática da contação de histórias como estratégia para o letramento, o desenvolvimento da oralidade e o estímulo à imaginação e à criatividade.

Antunes e Martins (2020), em sua pesquisa, ressaltam a contribuição da literatura infantil no processo de letramento e na construção da identidade da criança em sua relação com o mundo. Os autores observam que, mesmo antes da alfabetização formal, é fundamental que a criança tenha contato cotidiano com a escrita, seja ao ouvir ou ao narrar histórias, seja ao manusear livros. A partir desse contato, a criança começa a perceber a formação das palavras, os elementos presentes na capa — como título, autor e ilustrador —, a composição das páginas, as ilustrações, a direção da escrita e a linearidade temporal das narrativas. Todos esses elementos colaboram para a aquisição da linguagem, e o professor da Educação Infantil torna-se o principal mediador desses processos.

Durante sua formação docente, o futuro professor se depara com uma matriz curricular composta por componentes e atividades complementares que fundamentam sua prática pedagógica. A análise do PPC da UFDPAr evidencia que a contação de histórias é incluída como procedimento metodológico relevante, tanto para ampliar o repertório de gêneros literários quanto para compreender o processo de formação do leitor na infância. Essa abordagem dialoga com autores que tratam a temática de forma interdisciplinar, valorizando a contação como prática formativa.

Nesse sentido, Marques (2021) destaca que a literatura infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento emocional, intelectual e identitário da criança, ao proporcionar experiências que estimulam a criatividade, despertam a imaginação, ampliam o conhecimento de mundo e promovem momentos de prazer e fantasia — todos esses, elementos fundamentais para a formação integral. No desenvolvimento do componente curricular, são propostas atividades para aprimorar a oralidade, como oficinas de contação de histórias, leituras e releituras de contos, com o uso de variados recursos dramatúrgicos. Nessas vivências práticas, o professor em formação desenvolve técnicas de narração, aperfeiçoa sua oratória e se prepara para aplicar esses conhecimentos em contextos educacionais diversos.

A contação de histórias também se faz presente de maneira indireta no componente Educação Infantil e Diferentes Linguagens, conforme identificado no PPC da UFPI. Esse componente demonstra a valorização das múltiplas linguagens que se manifestam na Educação Infantil. Segundo Silva et al. (2021), práticas lúdicas que envolvem expressões corporais, visuais, musicais e verbais favorecem uma aprendizagem mais integrada e significativa.

Nas interações sociais, as crianças se expressam por meio de linguagens corporais, plásticas e cênicas — aspectos que potencializam a contação de histórias como estratégia educativa. Ao recontarem histórias para os colegas, com entonações diferenciadas, interpretações próprias e dramatizações, os alunos vivenciam processos ricos de apropriação do conteúdo e expressão criativa.

A disciplina Leitura Literária na Escola, também presente no PPC da UFPI, propõe práticas pedagógicas voltadas ao incentivo da leitura, reforçando a importância da literatura infantil na aproximação da criança com a cultura escrita e no fortalecimento do processo de alfabetização e formação leitora. Balça (2023) ressalta a importância da inserção da educação literária nos documentos curriculares oficiais, pois a leitura e análise desses documentos possibilitam aos professores refletirem sobre o lugar da literatura nas práticas escolares, seus objetivos, as aprendizagens propostas e os textos recomendados para o trabalho pedagógico com a leitura em sala de aula.

4.2.2 Abordagem nas metodologias

Os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) analisados demonstram valorização de metodologias ativas e interativas, com destaque para práticas pedagógicas que envolvem a oralidade, a linguagem simbólica e a ludicidade. A contação de histórias é apontada como uma estratégia metodológica integradora entre diferentes áreas do conhecimento, especialmente nas metodologias de alfabetização, educação artística, educação infantil e ensino interdisciplinar.

A alfabetização e o letramento estão presentes em todos os PPCs analisados, o que evidencia a centralidade do tema na formação docente. Nos PPCs das universidades UFPA, UFMA e UFC, são propostas ações que abrangem desde o diagnóstico dos níveis de leitura e escrita, passando pela discussão das concepções de alfabetização e letramento na sociedade, até o desenvolvimento da língua portuguesa nos anos iniciais, incluindo a utilização de instrumentos avaliativos, como observação participante, registros e análise do cotidiano escolar. Tais ações reconhecem a influência de fatores históricos, sociais, culturais e linguísticos na aquisição da leitura e da escrita, ressaltando a importância da articulação entre oralidade e escrita nesse processo.

Nesse contexto, a contação de histórias se configura como uma prática educativa com grande potencial para fortalecer a alfabetização. De acordo com Santos e Silva (2024), quando utilizada de forma intencional e planejada, por meio de sequências didáticas sistematizadas, a contação de histórias estimula habilidades ligadas à escrita emergente, amplia o repertório linguístico, favorece a imaginação e contribui significativamente para o desenvolvimento inicial da escrita.

As propostas metodológicas do ensino de Arte também se destacam nos PPCs. Os documentos da UFRJ, UFPI e UFMT enfatizam o conceito de arte como linguagem, a valorização do multiculturalismo artístico e a presença de diferentes formas de expressão — como música, dança, teatro, artes visuais e contação de histórias — como elementos fundamentais na formação do pedagogo. Nessas abordagens, a contação de histórias é articulada ao componente curricular de Arte, sendo aplicada em apresentações cênicas, recontagem de histórias e dramatizações. Nesses contextos, os alunos incorporam personagens e dão vida à narrativa no espaço escolar, tornando a arte um instrumento de expressão, inclusão e desenvolvimento cultural. Busatto (2003, p. 10) reforça essa concepção ao afirmar que “a contação de histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”, destacando seu caráter simbólico, afetivo e identitário.

A interdisciplinaridade, por sua vez, é compreendida como proposta educativa voltada à superação da fragmentação dos saberes. Bordignon e Goularti Filho (2023) defendem que a integração curricular deve ir além da junção de disciplinas, constituindo-se como uma ponte entre conteúdos, métodos e perspectivas, o que possibilita uma prática pedagógica mais coerente e contextualizada.

A partir dessa concepção, a contação de histórias se apresenta como uma prática potencialmente interdisciplinar, ao permitir conexões entre as narrativas literárias e diversas áreas do saber — como Matemática, Ciências, História e Geografia. Um único conto pode ser explorado para abordar conceitos matemáticos (como unidades de medida, quantidades, proporções e os dias da semana), fenômenos científicos (fenômenos naturais), noções históricas (temporalidade) e geográficas (espaço e ambiente), promovendo uma aprendizagem mais significativa e integrada.

No campo das Ciências, Barros et al. (2020) demonstram como a contação de histórias permite relacionar narrativas literárias a conceitos científicos, dentro da abordagem de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), aproximando o conhecimento científico da realidade cotidiana dos estudantes. Já no campo da Matemática, Botelho e Carneiro (2019) evidenciam que o uso de histórias infantis nas aulas dos anos iniciais favorece a exploração de conceitos numéricos, espaciais e de resolução de problemas de forma contextualizada, lúdica e criativa, despertando o interesse e engajamento dos alunos.

4.2.3 Abordagem nos campos de atuação

A contação de histórias também se manifesta de forma transversal nos campos de atuação descritos nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs). Está diretamente relacionada à docência na Educação Infantil, onde se reconhece a importância da linguagem oral no processo de alfabetização e no desenvolvimento integral da criança. Para além dos espaços formais, essa prática pode ser aplicada em contextos não escolares, como bibliotecas, brinquedotecas, projetos de extensão universitária e ações culturais, ampliando seu alcance formativo e social.

Os PPCs analisados também reconhecem a produção cultural realizada pela criança, especialmente por meio de jogos, brincadeiras e narrativas orais, que contribuem para a construção da linguagem, da identidade e da relação da criança com o mundo. Esses elementos estão presentes em práticas pedagógicas que valorizam a expressão simbólica, a imaginação e o desenvolvimento da autonomia.

A leitura dos PPCs das universidades UFG, UFSC, UFDPAr e UFPI revela a presença de núcleos livres de estudos, que oferecem aos discentes a oportunidade de aprofundar

conhecimentos em áreas específicas de seu interesse. Esses núcleos possibilitam a articulação entre ensino, pesquisa e extensão por meio de experiências formativas voltadas à interdisciplinaridade e à transdisciplinaridade. Nesse contexto, a contação de histórias pode ser integrada em atividades como produção de materiais didáticos, oficinas artísticas e ações comunitárias, favorecendo a construção coletiva de saberes.

Um exemplo concreto dessa prática é o “Projeto Labinter” (2023), desenvolvido por acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). No projeto, os estudantes, orientados por professoras formadoras, recebem materiais teóricos e práticos voltados ao aprimoramento de técnicas narrativas e à compreensão das necessidades infantis durante o ato de contar histórias. Após esse processo formativo, as histórias são selecionadas com base nas demandas das instituições parceiras, e as atividades são planejadas a partir de estudos literários, produção de recursos visuais e prática em laboratório, evidenciando o caráter reflexivo e formativo da ação extensionista.

Outro exemplo relevante é o projeto “Uma viagem no mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O projeto utiliza a contação de histórias como estratégia para o resgate da memória oral e fortalecimento da identidade cultural em escolas rurais, ao mesmo tempo em que promove a formação continuada de professores da rede pública. Em seus estudos, Araújo (2021) reflete sobre essa iniciativa e o impacto positivo no desenvolvimento infantil, destacando que, ao ser utilizada como recurso pedagógico, a contação de histórias favorece a aprendizagem lúdica, estimulando a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura.

Ao participar de ações extensionistas baseadas na narrativa oral, o pedagogo em formação é convidado a repensar suas concepções sobre ensino e aprendizagem, compreendendo que o ato de contar histórias é também um ato de educar, comunicar e construir sentidos. Tais experiências reforçam a indissociabilidade entre teoria e prática, despertam a sensibilidade, a escuta ativa, a criatividade e o planejamento pedagógico intencional. Além disso, essas vivências promovem o desenvolvimento de competências fundamentais, como a adaptação de linguagens, a leitura de contextos e a construção de vínculos com os educandos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta investigação, constatou-se como principal desafio a identificação da presença explícita da contação de histórias nas ementas dos componentes curriculares dos cursos de Pedagogia. Na maioria dos PPCs analisados, essa prática aparece apenas de forma indireta ou subentendida, quando mencionada. Isso pôde ser observado, por exemplo, em componentes como Alfabetização e Letramento em Língua Portuguesa e Ensino de Língua Portuguesa, cujas ementas abordam concepções de linguagem, letramento e práticas discursivas. Esses aspectos estão diretamente relacionados ao ato de contar histórias, uma vez que linguagem e oralidade, como discutido ao longo deste estudo, são elementos centrais da contação e contribuem significativamente para a formação docente.

Outro desafio enfrentado foi a escassez de registros que evidenciassem a inserção da contação de histórias nas atividades acadêmicas cotidianas dos cursos de Pedagogia. Por meio da pesquisa *online*, verificou-se que apenas as instituições UFPI e UFDPAr disponibilizavam documentos ou produções que demonstravam ações extensionistas relacionadas à temática. Além disso, identificou-se uma limitação geográfica na amostra analisada: não foram localizados PPCs da região Sul do país com menções diretas à prática em questão, sendo mais recorrente a presença dessa metodologia nos documentos das regiões Norte e Nordeste.

Nos currículos analisados, observou-se que a contação de histórias está presente de maneira não estruturada, aparecendo de forma mais recorrente em componentes como Literatura Infantil e Arte e Educação. Contudo, sua abordagem é, em geral, pontual, não configurando um eixo estruturante da formação inicial docente. Essa constatação reforça a necessidade de ampliar sua presença no currículo, incorporando-a como estratégia pedagógica intencional voltada ao desenvolvimento de habilidades linguísticas, narrativas e expressivas nos futuros professores.

Destacam-se, entre os cursos analisados, os PPCs da UFDPAr, UFPI, UFC e UFPA, que demonstram maior valorização da prática, especialmente no componente Literatura Infantil. Essa disciplina apresenta estratégias metodológicas relevantes para a formação do professor-leitor na Educação Infantil, abordando o desenvolvimento do repertório literário infantil e a criação de propostas pedagógicas que estimulem o imaginário, promovam o pensamento crítico e valorizem o aluno como sujeito ativo da aprendizagem.

Ainda nesse componente, são desenvolvidas oficinas de contação de histórias com os discentes, permitindo a articulação entre teoria e prática, fundamental ao exercício docente. A oralidade, nesse contexto, é compreendida como recurso essencial para a socialização de

saberes, possibilitando ao professor trabalhar com entonação, gestos, ritmo e expressividade na comunicação de conteúdos.

No componente Arte e Educação, destaca-se, por exemplo, a proposta da UFRJ, que compreende a contação de histórias como uma linguagem artística integradora, capaz de articular-se com o teatro, a música e a dança. Essa perspectiva favorece a expressão corporal, a sensibilidade estética e a construção de um repertório cultural diversificado por parte dos educadores em formação.

A investigação permitiu compreender a prática da contação de histórias sob uma perspectiva crítica e sistematizada, revelando seu potencial formativo na constituição da identidade docente. O professor, ao assumir o papel de contador de histórias, ultrapassa a função de entretenimento e torna-se mediador de aprendizagens, promovendo escuta ativa, sensibilidade narrativa e a construção de formas alternativas de comunicação e expressão oral. Esses aspectos são fundamentais para a prática pedagógica, especialmente na formação de professores capazes de integrar linguagem, oralidade e narrativa no processo educativo.

A análise reforça a importância de que a contação de histórias seja tratada não apenas como tema transversal, mas inserida de forma efetiva nas ementas curriculares da formação inicial. Essa inclusão contribui para consolidar práticas pedagógicas que estimulem o hábito da escuta, o desenvolvimento da oralidade e o uso da narrativa como recurso interdisciplinar, deslocando a contação do campo meramente lúdico para o de uma metodologia significativa de mediação do conhecimento. Ao reconhecerem-se como agentes culturais, os alunos são incentivados a explorar a criatividade e a curiosidade, abordando temas de relevância social, cultural e étnico-racial por meio das histórias.

Este estudo aponta para a necessidade de novas investigações que explorem a integração da contação de histórias como componente curricular nos cursos de Pedagogia. A implementação de intervenções pedagógicas planejadas pode fortalecer essa prática educativa tão potente. Nesse contexto, destaca-se o papel do professor como mediador, cuja formação deve incluir oficinas, ações de extensão e experiências práticas que envolvam a temática.

Futuras pesquisas podem investigar os impactos da formação prática e experiencial na didática adotada pelos docentes em sala de aula, bem como os efeitos da contação de histórias no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas. Destaca-se aqui o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposto por Vygotsky, que ressalta a importância da mediação no processo de aprendizagem. Ao contar uma história, o educador pode ajudar a criança a realizar tarefas que ela ainda não consegue executar sozinha, mas que, com apoio adequado, pode compreender e realizar — explorando, assim, sua ZDP. Analisar

como a contação de histórias pode favorecer essa zona, tanto na formação de futuros professores quanto no processo de aprendizagem das crianças, constitui um campo relevante para futuras investigações. Além disso, recomenda-se que estudos futuros abordem as dificuldades enfrentadas por docentes na implementação da contação de histórias em diferentes contextos educacionais, incluindo escolas públicas e instituições não governamentais.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 13, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v13n2-2014-6>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/29201>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- ARAÚJO, Francisco Antonio Machado. *Eu me desenvolvo, tu te desenvolves, nós nos desenvolvemos: o desenvolvimento profissional do professor do ensino superior que vivenciou estudos na Pós-graduação em Educação*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.
- ARAÚJO, Hilda Mara Lopes (org.). *Contação de história para crianças: um caminho lúdico de múltiplas possibilidades*. Teresina: EDUFPI, 2021.
- BALÇA, Ângela. *Educação literária na escola*. Antares, v. 15, n. 36, maio/set. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.12>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.12>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- BARROS, Hugo Noronha da Silva et al. A contação de história como estratégia para o ensino de ciências. *Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática*, Duque de Caxias, v. 4, n. 1, 2020.
- BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 19, n. 44, p. 1–10, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000100003>.
- BESSA, Márcio Leite de. Mediação didática e pedagógica na perspectiva de Vygotsky no ensino escolar. *Revista Plurais*, v. 8, n. 3, p. 451–464, 2018.
- BORDIGNON, Fabricio Trevisol; GOULARTI FILHO, Alcides. A integração curricular como forma de introdução à interdisciplinaridade. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, v. 18, n. 50, p. 66–73, dez. 2023.
- BOTELHO, Luiza Palmira Freitas; CARNEIRO, Reginaldo Fernando. Era uma vez... histórias infantis e matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática*, v. 2, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34019/2594-4673.2018.v2.27376>.
- BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias: contorno, forma e diálogo consigo mesmo. In: *Narração de histórias*. [S.l.]: [s.n.], 2003. p. 10.
- BUSATTO, Cléo. Um olhar transdisciplinar para a arte de contar histórias. *Cléo Busatto: uma artista da palavra*, 30 out. 2010. Disponível em: <https://cleobusatto.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. Contadores de histórias na educação escolar: perspectivas docentes e discentes. *Rascunhos*, v. 10, n. 1, p. 123–140, 2023.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- COELHO, Géssica Elias de Paulo; SILVA, Paula Cristina Pacheco; LOPES, Thalitta Fernanda de Souza Ferreira. Prática pedagógica do professor mediador e a motivação no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Faculdade Multivix*, p. 1–15, 2020.

- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 55, p. 205–223, 2011.
- DANTAS, E. L. A. A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores. *Revista Caparaó*, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.revistacaparao.org/caparao/article/view/12>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- DAVIDOV, V. V. *Tipos de generalización en la enseñanza*. Moscou: Editorial Progreso, 1988.
- DORIA, Nailde da Silva; NOVAIS, Sandra; BARTOLOMEI, Milene. Contação de histórias e suas implicações no processo de formação do pedagogo. *Temas em Educação*, v. 32, p. 1–18, 2023.
- FARIAS, Sandra Alves; BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Concepção de mediação: o papel do professor e da linguagem. *Profissão Docente*, v. 13, n. 29, p. 94–109, 2013.
- FICHTNER, Bernd. Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus colaboradores: o desenvolvimento humano e a apropriação da cultura. 2010. [Não publicado].
- GASPERI, Maria Eduarda; DITTRICH, Maria Glória. Criatividade na contação de histórias: práticas educativas para a criança. *Debates em Educação*, v. 15, n. 37, p. 1–19, 2023.
- LEAL, Débora Araújo. Contação de histórias: a arte de encantar, estratégias e nuances na formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 4., 2017, Fortaleza, CE. *Anais do IV Congresso Nacional de Educação – CONEDU*. Fortaleza, 2017. p. 1–12.
- LEIRO, Lucia Tavares. Ensaio sobre contação de histórias. *Contação de Histórias e Oralidade*, v. 2, n. 1, p. 58–76, 2024.
- LURIA, Aleksandr R. *O cérebro e o pensamento: a neuropsicologia das funções superiores*. Tradução de Lúcia S. E. Machado. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- LURIA, Aleksandr R. O cérebro humano e a atividade consciente. In: VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2006. p. 191–224.
- MAGALHÃES, Joselice de Cássia Carneiro. A contação de histórias na formação docente: tessitura de aprendizagem na experiência com a pesquisa. *Bahia Análise e Dados. Educação: Direito Fundamental*, v. 34, n. 1, p. 30–54, jan./jun. 2024.
- MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. *Práticas educativas bem-sucedidas na escola: vivências socioafetivas de professores e alunos*. 1. ed. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020.
- MARQUES, Kelly Cristina Vaz de Carvalho. *A literatura infantil e a formação cidadã: o fazer docente da educação infantil*. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021. E-book. ISBN: 978-65-88307-49-6.
- MELLO, Maria Aparecida. O conceito de mediação na teoria histórico-cultural e as práticas pedagógicas. *APRENDER – Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, v. XIV, n. 23, p. 72–89, jan./jun. 2020.
- MENDES, Alex Leandro Xavier et al. A importância da contação de história na educação infantil – relato de um estágio. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6., 2019, Fortaleza, CE. *Anais [...]*. Fortaleza, 2019. p. 1–12.
- OLIVEIRA, L. M. R.; MOREIRA, F. T. R. Contação de histórias como prática pedagógica na formação de leitores/escretores na metodologia sociointeracionista. *Revista Educação Pública*. Disponível em: <http://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/11/contao-de-histrias-como-prtica-pedaggica-na-formao-de-leitores-escretores-na-metodologia-sociointeracionista>. Acesso em: 18 jun. 2025.

- PAIXÃO, E. M. L. et al. A contação de história na Educação Infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 8, p. 888–898, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.2025>.
- PATRIARCA-GRACIOLLI, Suelen Regina et al. Projeto Labinter e a contação de histórias: um diálogo com a Educação Infantil. *Interagir: Pensando a Extensão*, Rio de Janeiro, n. 35, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/interag.2023.63091>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- PAULA, Alessandra Pereira de; BRAGA, Aline de Fátima Silva; LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. A contação de histórias e sua importância para o desenvolvimento da criança. *Revista Interdisciplinar SULEAR*, ano 4, n. 10, p. 131–116, out. 2021.
- PEREIRA DA SILVA, N. R.; CORRÊA DOS SANTOS, G. A. L. A contação de histórias como prática alfabetizadora na promoção da aprendizagem inicial da modalidade escrita da língua. *Olhares & Trilhas*, v. 26, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/OT2024v26.n.1.73317>.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, José Leonardo Rolim de; SEVERO, José. *Pedagogia: teoria, formação, profissão*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- PIMENTA, Selma Garrido; PINTO, Ulysses de A.; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. A Pedagogia como locus de formação profissional de educadores(as): desafios epistemológicos e curriculares. *Práxis Educativa*, v. 15, p. 1–20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15528.057>. Acesso em: 18 dez. 2022.
- PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005. ISBN: 85-249-1179-4.
- ROCHA, Sílvia Roberta Mota; SILVA, Deise Saville Ferreira da. Oralidade, subjetivação e mediação pedagógica na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE LETRAMENTO E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, 2., 2013, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte, 2013. p. 1–12.
- SAVIANI, Dermeval. A categoria dialética de mediação na Pedagogia Histórico-Crítica em intermediação com a Psicologia Histórico-Cultural. In: SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2019. p. 167–187.
- SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 143–155, jan./abr. 2009.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SILVA, Liz Daiana Tito Azeredo et al. As múltiplas linguagens no universo da Educação Infantil: o papel do educador na abordagem lúdica. In: *Anais do IX Coninter*. 11 jan. 2021.
- SILVA, M. L. S.; FEITOSA, F. S.; MOTA, J. S. Contação de história: benefícios e contribuições na Educação Infantil. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 1, fev. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1869>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- SILVA, T. S.; NASCIMENTO, É. C. A contação de histórias na Educação Infantil: formando leitores. *Pedagogia em Foco*, 2021. Disponível em: <https://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/231>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Revista Educere e Educare*, v. 6, n. 12, p. 235–249, jul./dez. 2011.
- TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.
- TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. A educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 47, e116921, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236116921vs01>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas – Sessão Aberta*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia – Diurno* (Código e-MEC 150). Brasília, 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. *Projeto Político-Pedagógico da Licenciatura em Pedagogia*. São Paulo, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Faculdade de Educação. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Matutino e Vespertino*. Manaus, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Faculdade de Educação. Coordenação do Curso de Pedagogia. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia – Vespertino-Noturno* (Código 53). Fortaleza, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Centro de Ciências Sociais. Curso de Pedagogia. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia*. São Luís, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Ciências da Educação. Faculdade de Educação. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia*. Belém, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. Coordenação do Curso de Pedagogia. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UFPI*. Teresina, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Campus Ministro Reis Velloso. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia*. Parnaíba, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Faculdade de Educação. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia*. Goiânia, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. Campus Universitário de Rondonópolis. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura (2019–2027)*. Rondonópolis, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Setor de Educação. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia*. Curitiba, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto Multidisciplinar. Colegiado do Curso de Pedagogia. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia*. Nova Iguaçu, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Ciências da Educação. Curso de Pedagogia. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia*. Florianópolis, 2020.

VANDERLINDE, Carla Xavier. Era uma vez... O caminho do contador de histórias na educação infantil. *Jataí*, n. 5, p. 158–175, 2023.

VENDRAME, Eliandra Cardoso dos Santos; PAULA, Ercilia Maria Angelini Teixeira de. Histórias que brincam e encantam: o contar histórias na formação docente. *Revista Conexão*, v. 16, p. 1–11, 2020.

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

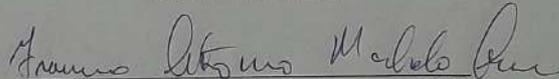
DALLYLA LIMA SANTOS

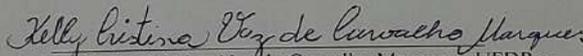
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Delta do Parnaíba UFDP,
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

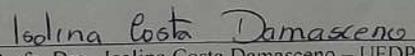
Orientador: Prof. Dr. Francisco Antonio Machado
Araujo.

Aprovada em: 05/07/2025

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Francisco Antonio Machado Araujo – UFDP


Prof. Dra. Kelly Cristina Vaz de Carvalho Marques - UFDP


Profa. Dra. Isolina Costa Damasceno – UFDP